

PROESP quer preservar área do Observatório. Correio Popular,
Campinas, 29 jan. 1989.

Proesp quer preservar área do Observatório

A Proesp — Sociedade Protetora da Diversidade das Espécies — vai entrar com um pedido na Curadoria do Meio Ambiente, exigindo o cumprimento do parágrafo 2 do capítulo da Constituição que trata das questões ambientais, e que prevê a obrigatoriedade, por parte de empresas que exploram os recursos minerais, de promover a recuperação do ambiente degradado.

A preocupação do Proesp nasceu da grande quantidade de rochas que são destruídas na Serra das Cabras, principalmente na área que circunda o Observatório do Capricórnio, no distrito de Sosas. Para o diretor da entidade preservacionista, João Luiz Pegoraro, além da descaracterização paisagística provocada pela destruição das rochas, o problema envolve ainda o perigo de deslizamento de barreiras e o agravamento de processos erosivos.

As pedreiras que exploram a área dinamitam as rochas para a obtenção de pedras usadas na construção civil, mourões de cerca e paralelepípedos e outras finalidades. Além disso, nos locais explorados o solo fica sem qualquer proteção, facilitando o aparecimento de erosões. Para Pegoraro, o problema é que “após explorar determinada área, as pedreiras deixam o local completamente degradado e não promovem sua recuperação. E depois de retirar as pedras de um local, mudam para outra área e fazem a mesma coisa”.

O Observatório do Capricórnio localiza-se no Serra das Cabras, um dos pontos mais altos da região, com 1.100 metros de altitude. As áreas que circundam o Observatório são muito frequentadas por turistas, principalmente nos finais de semana e por pessoas que aportam nas im-

ediações do local para tentar contatos com UFOs. Várias formações rochosas são marcadas por gráficos e sinais, usados como pontos de referência para a descida de extraterrestres.

O tenente da Polícia Florestal de Campinas, Vanderlei Brilhante, diz que o problema da destruição de rochas no local é antigo. Ele conta que há mais de um ano encaminhou à Curadoria do Meio Ambiente autos de infração contra empresas que atuavam na região, mas até hoje não sabe se o caso foi levado à frente.

Vanderlei Brilhante esclarece que toda a área que circunda o Observatório do Capricórnio é considerada de preservação permanente, o que acontece também com qualquer encosta com declividade acima de 45 graus e topos de morros.

João Pegoraro diz que pretende atuar junto à Prefeitura de Campinas, no sentido de “conseguir o tombamento da área adjacente e também tentar uma maneira de cassar as autorizações para exploração das formações rochosas do local”. Ele diz que paralelamente à destruição das rochas, as árvores vão sendo destruídas também, “num processo palatino, quase imperceptível”.

O diretor da Proesp diz que “é preciso achar uma maneira de se frear esse processo destrutivo, que acaba, num piscar de olhos, com as coisas que a natureza levou anos e anos para construir”. Afinal, como escreveu o índio sioux Russel Means “o especulador de empreendimentos imobiliários não tem nenhuma satisfação em simplesmente observar a maravilha que é uma montanha ou um lago. A satisfação dele mede-se em ganhos materiais e então a terra transforma-se em cascalho e o lago transforma-se em escoadouro de uma fábrica”.



Pedreiras colocam em risco área do Observatório, segundo Proesp